

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
***CAMPUS* XX – BRUMADO**

NARRATIVA E (RE)EXISTÊNCIA: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO *LÓCUS* DE SUBVERSÃO

Amanda de Macedo Moura Couto – amandamoura229@gmail.com
SEC-BA
Ana Claudia Oliveira Azevedo – 98anaclaudia@gmail.com
FAPESB/UESB/IFNMG

Resumo

O cânone literário é, majoritariamente, composto por homens brancos, homens negros que sofreram processo de embranquecimento e mulheres brancas, de modo que as escritoras negras ficam, ainda, à margem desse processo — e são forjadas, quando personagens, de forma caricata pela branquitude (Bento, 2022). Apesar dos avanços dos últimos anos para o reconhecimento de autoras e autores da literatura afro-brasileira (Duarte, 2017), demonstrados, por exemplo, na Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003), o trabalho com tais obras nas escolas ainda é muito restrito, seja pela sua ausência no cânone seja pelo limitado trabalho com a arte literária de modo geral. Dessa forma, faz-se necessária a ampliação/inserção tanto da leitura de narrativas afro-brasileiras quanto da orientação para o letramento racial crítico dos sujeitos, conceito usado por Ferreira (2022) para se referir à formação de subsídios para refletirmos sobre raça e racismo, bem como sobre seus impactos no dia a dia, nas identidades sociais e, ainda, nas vidas dos sujeitos. Diante disso, o objetivo deste trabalho é propor o uso da literatura produzida por mulheres afrobrasileiras em diferentes etapas de ensino, a fim de discutir e desmitificar estereótipos para, consequentemente, desenvolver o letramento racial crítico de estudantes. Essa proposta consiste, inicialmente, na apresentação de fotografias de diferentes escritoras brasileiras brancas e negras, para que os sujeitos tentem imaginar suas possíveis profissões. A partir das respostas a essa atividade, o próximo passo é trabalhar obras produzidas pelas escritoras afrobrasileiras, a fim de problematizar os estereótipos e ressaltar a importância do lugar de fala dessas mulheres (Ribeiro, 2020) e de suas escrevivências (Evaristo, 2020). A presente proposta é acompanhada dos relatos de experiências de duas docentes de Língua Portuguesa, que realizaram essa mesma atividade em turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio de escolas públicas no Sudoeste da Bahia e obtiveram resultados bastante semelhantes. Em um primeiro momento, as escritoras negras tiveram sua aparência associada, principalmente, a profissões de menor prestígio social, ao passo que com as escritoras brancas ocorreu o oposto. Em seguida, após as discussões sobre os estereótipos e o trabalho com

algumas obras das escritoras, observou-se o desenvolvimento do letramento racial crítico dos estudantes, a exemplo da discussão de contos como “Maria” e “Di Lixão”, ambos de Conceição Evaristo (2016), em que eles apresentaram uma visão crítica dos acontecimentos e reconheceram a resistência e a (re)existência das literatas, bem como a complexidade de suas personagens e obras, além de associar os acontecimentos literários a situações do seu cotidiano. Com base nisso, conclui-se que a literatura é uma das ferramentas mais poderosas para a transformação social, haja vista que contribui para a construção de uma sociedade mais crítica e, consequentemente, mais equânime.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; letramento racial crítico; transformação social; escrevivência; ensino de literatura.